

PE-067 - INTERNAÇÕES E ÓBITOS DECORRENTES DE INSUFICIÊNCIA RENAL NA POPULAÇÃO PEDIÁTRICA NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Carolina Bohn Faccio¹, Morgana Furtado Wallau¹, Giovana Nunes Santos¹, Márcia Ducatti Menezes¹, Bruna Reis Krug¹, Fabiana Roehrs¹, Romana Dall´Agnese¹, Manoela Sauer Faccioli¹, Honório Sampaio Menezes²

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA; 2 - ISBRAE.

Introdução: A insuficiência renal é a redução da capacidade dos rins de filtrarem o sangue. Essa alteração pode ocorrer devido a desidratação, sepse, lesão renal, entre outras causas, gerando acúmulo de substâncias tóxicas na circulação. **Objetivo:** Analisar o número de internações e óbitos decorrentes de insuficiência renal em pacientes pediátricos no Brasil nos últimos 10 anos. **Metodologia:** Estudo epidemiológico transversal descritivo a partir de dados do DATASUS, de fevereiro de 2011 a fevereiro de 2021. **Resultados:** O Brasil registrou um total de 8.213 internações. Dessas, 902 ocorreram na região Norte, 995 na Nordeste, 4.370 na Sudeste, 1.370 na Sul e 576 na Centro-Oeste. A faixa etária mais acometida foi a de 10 a 14 anos, com 3.205 internações, seguida das de 5 a 9 anos, 1 a 4 anos e menores de 1 ano, com respectivamente 2.134, 1.787 e 1.087 internações. O sexo masculino foi o mais acometido, com 4.712 casos, seguido do feminino, com 3.501. Em relação aos óbitos, foi registrado um total de 304. Desses, 45 ocorreram na região Norte, 27 na Nordeste, 167 na Sudeste, 42 na Sul e 23 na Centro-Oeste. A faixa etária mais acometida foi a de menores de 1 ano, com 138 óbitos, seguida das de 10 a 14 anos, 1 a 4 anos e 5 a 9 anos, com respectivamente 66, 58 e 42 óbitos. O sexo masculino foi o mais acometido, com 172 casos, seguido do feminino, com 132. **Conclusão:** O país apresenta uma média anual de 821,3 internações e 30,4 óbitos devido a insuficiência renal na população pediátrica. As duas regiões com maior incidência da doença foram a Norte e a Sudeste, ambas com 0,0048%. A região com a menor incidência foi a Nordeste, com 0,0018%. O Norte apresentou a maior letalidade (4,9%) e a Nordeste a menor (2,7%).

PE-068 - PERFIL DE ÓBITOS JUVENIS POR AGRESSÕES NO BRASIL ENTRE 2017 E 2019

Liara Eickhoff Coppetti¹, Carolina da Mota Iglesias¹, Fabiana Roehrs¹, Lana Caroline Palaver Dall´Ago¹, Laura Fogaça Pasa¹, Victoria Bento Alves Paglioli¹, Cristiano do Amaral de Leon¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução: A violência intencional tornou-se um grave problema de Saúde Pública, visto que afeta a saúde coletiva e a saúde individual da população. Em relação às mortes por causas externas, as agressões são as principais causas de óbitos entre os jovens brasileiros. Ademais, as desigualdades sociais são apontadas como um dos principais fatores decisivos das ações violentas. **Objetivo:** Analisar o perfil de óbitos juvenis por agressões no Brasil entre o ano de 2017 e 2019. **Metodologia:** Estudo transversal descritivo no qual foram analisados perfil dos óbitos por agressão em indivíduos entre 15 e 19 anos. Dados baseados no Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), disponibilizado pelo Departamento de Informações do Sistema Único de Saúde (DATASUS). **Discussão e resultados:** No Brasil de 2017 a 2019, constatarem-se 25.440 óbitos por agressões, sendo predominante no sexo masculino (93,62%), raça parda (72,91%) e ensino fundamental incompleto (46,17%). De acordo com a escolaridade, houve predominância de óbitos em adolescentes que estudaram de 4-7 anos, totalizando 40,64% do total. Os tipos de agressões mais registradas foram por disparo de arma de fogo, considerando CID-10 X93 a X95 (84,24%) e por objeto cortante ou penetrante (8,77%) em ambos os sexos. Em relação ao local de ocorrência, 48,79% dos óbitos ocorreram em via pública e 22,17% em ambiente hospitalar. No Nordeste encontra-se 46,51% dos casos. **Conclusão:** A violência intencional é uma mazela histórica, afetando tanto a saúde individual como coletiva. Tal fenômeno está fortemente relacionado com a escolaridade, sobretudo em jovens do sexo masculino de raça parda que não frequentam escolas e universidades. Sendo assim, sugere-se que existindo uma maior atuação da juventude na atividade estudantil, alicerçada por políticas e práticas específicas, haveria uma redução dos óbitos juvenis por agressão externa.